

MORFOLOGIA AVALIATIVA NO PORTUGUÊS DO URUGUAI

Camila Witt Ulrich¹
Leonora Simioni²

RESUMO: Este trabalho trata da distribuição dos sufixos avaliativos -inho/-zinho, do português, e -ito/-cito, do espanhol, em dados do português falado no Uruguai, variedade cuja gramática apresenta características brasileiras (Carvalho, 2003; Simioni, 2021) e características próprias (Carvalho; Bessett, 2015; Gasque; Chaves; Simioni, 2018), além de forte influência do espanhol, especialmente no nível lexical. Dada a alta produtividade e a regular distribuição desses sufixos, pretendemos mapear traços do contato linguístico e investigar suas propriedades de distribuição no português falado no Uruguai. A metodologia compreende a análise de dados de fala coletados no formato de entrevista semiestruturada com quatro informantes oriundas de Poblado Uruguay – Rio Branco/Uruguay. Os 102 dados com os pares -inho/-zinho ou -ito/-cito foram classificados de acordo com aspectos estruturais, além da língua da base. Os resultados apontam para um maior espelhamento com o português: há predominância dos sufixos -inho/-zinho (92,2% – 94/102) em comparação a -ito (7,8% – 8/102). No contexto de bases pertencentes a ambas as línguas (p. ex. *boca – boquinha*), também predomina o sufixo -inho (87,5% – 28/32) em relação a -ito (12,5% – 4/32). Os dados revelam, ainda, que há 12 bases do espanhol com sufixo diminutivo do português (p. ex. *botellinha*), mas não há bases do português com sufixo do espanhol. A título de comparação, esses avaliativos foram observados também em outras fontes de dados disponíveis sobre a variedade. Os resultados corroboram trabalhos anteriores que apontam para a presença de uma gramática brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: morfologia avaliativa; português falado no Uruguai; contato linguístico.

1 Professora da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

2 Professora Associada da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Introdução

Neste trabalho descrevemos a distribuição dos sufixos avaliativos -inho/-zinho, do português, e -ito/-cito, do espanhol, com base em dados do português falado no Uruguai como língua materna³.

O português falado na franja fronteiriça ao norte do Uruguai foi, por muito tempo, tratado como uma “mistura de línguas”, fruto do contato entre português e espanhol pelas condições históricas de povoamento da região (Elizaincín, 1979, p. 13). Estudos que abordam atitudes linguísticas na região da fronteira Uruguai/Brasil evidenciam o uso de termos como *portuñol* e *entreverado* para denominar essas variedades (Gau de Mello; Custodio, 2016), frequentemente associados a atitudes negativas (Bottaro, 2017), provavelmente como consequência dos esforços empreendidos pelo governo uruguaio, a partir da segunda metade do século XIX, para deter o avanço do português no território nacional, o que deu origem a uma situação de diglossia (Behares, 2007). Apesar disso, o português permanece presente no território uruguaio, nas zonas próximas à fronteira com o Brasil, como língua de herança e de contato. Atualmente, há um importante movimento de reconhecimento e valorização das variedades fronteiriças, tanto por parte dos órgãos oficiais quanto por parte da própria população fronteiriça, que tem se materializado, por exemplo, em iniciativas de ensino bilíngue nas escolas de fronteira e em manifestações artísticas como a música e a literatura.

Se o reconhecimento da presença de variedades “portuguesas” na franja fronteiriça ao norte do Uruguai remonta ao século XIX, é apenas a partir dos anos 1960 que começam a surgir os primeiros estudos sobre o tema. Rona (1965) identifica a presença de

3 Por economia, a representação ortográfica das formas alternantes de cada língua é feita entre barras no masculino singular, como -inho/-zinho e -ito/-cito; contudo, aí nessa discussão incluem-se também, sem distinção, suas formas femininas e plurais.

dois dialetos *fronterizos* no Uruguai: um dialeto espanhol com um sistema fônico muito semelhante ao encontrado no restante do país, porém com influência do português no léxico, morfologia e sintaxe, e um dialeto português com influência castelhana, com léxico e sistema fonológico predominantemente portugueses. Já Elizaincín, Behares e Barrios (1987), pioneiros na descrição dos chamados *Dialectos Portugueses en Uruguay* (DPU), reconhecem a presença de características próprias, mas propõem uma análise em termos de traços morfossintáticos classificados como tendência ao português e tendência ao espanhol, evidenciando uma concepção de “mescla”. Mais recentemente, Carvalho (2003, p. 133) rejeita esse tratamento e defende o emprego do termo *português uruguaio*, definido como “[...] um dialeto do português de características rurais que sofre influências do espanhol”, que está sujeito a variação condicionada por fatores linguísticos, sociais e estilísticos como qualquer outro sistema linguístico. De fato, várias características atribuídas ao português falado no Uruguai (como, por exemplo, a troca da vogal temática -a por -e nos verbos de 1ª conjugação – *nós falamos* – *nós falemo* – e a despalatalização – *filho* – *fio*) são, na verdade, características encontradas de maneira mais geral no português brasileiro, especialmente em suas variedades mais rurais.

Ao menos parte das disputas sobre a nomenclatura e a natureza das variedades faladas nas zonas fronteiriças do Uruguai provavelmente se deve ao fato de que nem sempre se está, de fato, falando de um mesmo objeto. Assim, é esperado que haja diferenças entre o português língua de herança, falado como língua materna em contexto de bilinguismo, e o português de contato ou o português L2. Do mesmo modo, espera-se que fatores como nível de escolarização e contato com registros formais do português tenham influência sobre essas gramáticas.

Neste trabalho, analisaremos uma variedade falada como língua materna no departamento de Cerro Largo/UY, à qual nos referiremos como *português falado no Uruguai*. A maioria dos

estudos realizados nessa região envolve características fonético-fonológicas, sintáticas e morfossintáticas, com pouca atenção a fenômenos morfológicos (Mazzaferro; Simioni; Ulrich, 2024). É importante esclarecer que os informantes entrevistados se referem a essa variedade como *brasileiro* e ao espanhol como *uru-guayo*, não utilizando termos como *entreverado* ou *portuñol*⁴, tampouco *português* e *espanhol*. Também, de maneira geral, manifestam atitudes positivas em relação a essa variedade. Estudos anteriores sobre esse *corpus* têm evidenciado uma gramática com características brasileiras (Simioni, 2021) e características próprias (Muniz, 2017; Gasque; Chaves; Simioni, 2018; Madeira, 2018; Simioni, 2019).

O foco aqui recai sobre os sufixos avaliativos altamente produtivos do português e do espanhol, cuja distribuição, apesar de diferenças de língua particular, é regida, de modo geral, por parâmetros fonológicos – posição do acento (p. ex. *café* - *cafezinho* / *cafecito*), segmento terminal (p. ex. *amor* - *amorzinho* / *amorcito*) – e morfológicos – relação entre vogal temática e gênero (p. ex. *carne* - *carninha* - *carnezinha* / *carnita* - *carnecita*), conforme Bisol (2010), RAE (2025), entre outros.

Apesar do caráter descritivo, o trabalho se ampara teoricamente em estudos morfológicos de base gerativa (Villalva, 1994, 2000) e estudos que tomam a morfologia avaliativa como um subgrupo dentro dos processos morfológicos (Grandi, 2011; Körtvélyessy, 2015), conforme será discutido mais adiante⁵. Além disso, a metodologia ancorada segue os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa (Labov, 1968), ao delimitar uma comunidade de fala, fazer uso de entrevista semiestruturada para coletar dados espontâneos, os quais serão analisados com base em características sociais dos entrevistados.

4 Denominação adotada predominantemente pelos falantes de Rivera/UY.

5 Ainda que diferentes correntes teóricas abordem os sufixos avaliativos, neste trabalho nos apoiamos na literatura gerativista, por ser a perspectiva teó-

No recorte da presente pesquisa, nossos objetivos são: i) mapear traços do contato linguístico no uso de avaliativos do português e do espanhol, dado o alto grau de produtividade desses sufixos em ambas as línguas; ii) investigar as propriedades de distribuição dos sufixos -inho/-zinho e -ito/-cito em comparação a pesquisas referentes ao português brasileiro e ao espanhol; iii) avançar na compreensão da natureza do português falado no Uruguai como língua materna.

Os sufixos avaliativos nas línguas românicas

Amplamente estudadas entre os mais diversos sistemas linguísticos, as formações avaliativas, por muito tempo, desafiaram as classificações tradicionais sobre os mecanismos morfológicos (Scalise, 1984; Villalva, 1994, 2000). Se, por um lado, exibem características prototípicas dos processos de flexão, como aplicação regular a qualquer item nominal da língua e manutenção da classe da base, por outro, revelam também características da derivação, ao alterarem a interpretação semântica da base, e da composição, ao apresentarem, muitas vezes, correlatos da existência de dois acentos primários. O Quadro 1, inspirado em propriedades apresentadas por Villalva (2000, p. 150, 254-259), traz dados do português e do espanhol que argumentam em favor de uma hipótese de morfologia avaliativa como subgrupo autônomo.

rica adotada pelas autoras em trabalhos prévios.

Quadro 1 – Propriedades dos sufixos avaliativos

PROPRIEDADES DOS SUFFIXOS AVALIATIVOS		EXEMPLOS
(i)	não altera categoria sintática	P: casN – casinhaN _[dim] E: casN – casitaN _[dim]
(ii)	não altera propriedades morfosintáticas ou morfossemânticas da base	P: cãesN _[-hum, +plu] → câezinhosN _[-hum, +plu, dim] E: perrosN _[-hum, +plu] → perritosN _[-hum, +plu, dim]
(iii)	não altera estrutura argumental	P/E: morder[-- SN] – mordiscar[-- SN]
(iv)	altera interpretação semântica	P: carro - carrinho E: mañana - mañanita
(v)	coocorre em posições adjacentes	P: ded-inho-zinho E: chiqu-it-ito
(vi)	ocorre à direita de sufixos derivacionais	P: bel-ez-inha E: bell-ec-ita
(vii)	ocorre à esquerda de sufixos flexionais	P: nov-inho-s E: nuev-ito-s

Fonte: elaboração própria baseada em Villalva, 2000, p. 150.

Devido ao escopo do trabalho, exploramos a seguir apenas as características, principalmente distribucionais, dos sufixos mais produtivos do português e do espanhol.

O português é rico em recursos avaliativos. Entre os sufixos tradicionalmente chamados diminutivos, podemos citar, de acordo com Armelin (2015, p. 18): -ebre (p. ex. *casebre*), -im (p. ex. *flautim*), -ote (p. ex. *frangote*), -ejo (p. ex. *lugarejo*), -acho (p. ex. *ria-cho*), -ela (p. ex. *rodela*), entre outros. A representatividade maior dessa classe, contudo, fica a cargo dos elementos -inho/-zinho, ora tratados como o mesmo constituinte morfológico (Bisol, 2010, 2011), ora tratados como dois sufixos distintos (Menuzzi, 1993; Lee, 1995). A distribuição de -inho/-zinho é regida por fatores fonológicos (Bisol, 2010), morfológicos (Villalva, 1994, 2000), sintáticos (Bachrach; Wagner, 2007) e semânticos (Rio-Torto, 1993)

– sendo os primeiros os mais decisivos na escolha entre uma ou outra forma.

Bisol (2011, p. 81) afirma que as principais demandas atendidas na anexação dos sufixos avaliativos são cinco, representadas no Quadro 2.

Quadro 2 – Demandas do diminutivo

	PROPRIEDADE	BASE	DIMINUTIVO
(i)	evitação do hiato	pato	patinho, *patoinho
(ii)	fidelidade a traços fonológicos da base	s[ɔ]l	s[ɔ]lzinho, *s[o]linho
(iii)	preservação de bordas	mar	mar.zi.nho, *ma.ri.nho ⁶
(iv)	preservação do acento marcado	lâmpada	lampadazinha, ?lampadinha
(v)	correspondência com formas do output	flores	florezinhas, ?florzinhas

Fonte: elaboração própria baseada em Bisol, 2010, p. 65.

De acordo com Cunha e Cintra (2010, p. 106), “excetuando-se o caso das palavras terminadas em -s e -z, que naturalmente exigem a forma -inho (ex. *pires-inho*, *rapaz-inho*), não é fácil indicar as razões que comandam a escolha entre -inho e -zinho”. De modo similar, Moreno (1977) defende que não há um padrão tão sistemático para a distribuição de -inho e -zinho e propõe uma descrição: (a) todos os vocábulos podem receber -zinho; (b) só os vocábulos paroxítonos com a vogal do marcador podem também receber -inho, alternativamente.

De modo geral, quanto a aspectos fonológicos, muitos autores mostram que palavras oxítonas e proparoxítonas costumam receber -zinho (p. ex. *pão* - *pãozinho* / *lâmpada* - *lampadazinha*),

6 Estamos tratando do potencial diminutivo de *mar*, e não da palavra existente *marinho*.

obedecendo à preservação do acento marcado, enquanto palavras paroxítonas podem utilizar -inho ou -zinho (p. ex. *bolo* - *bolinho* > *bolozinho*), sendo preponderante o uso de -inho (Menuzzi, 1993; Bisol, 2010). Além disso, não parece haver consenso sobre a influência do número de sílabas. Enquanto Santos e Coelho (2008) e Souza (2025), para o português brasileiro, e Villalva (2008), para o português europeu, sugerem que palavras polissilábicas tenham preferência por formações com -zinho, aumentando ainda mais seu tamanho, esses resultados não são confirmados em estudos experimentais: Simioni e Schwindt (2018) mostram que a alternância independe do número de sílabas de pseudopalavras, e Almeida (2023) revela que há, em experimento com palavras reais, preferência por diminutivos de número par de sílabas. Há, também, sobreposições no sistema fonológico: monossílabos tônicos sempre utilizarão a variante -zinho (p. ex. *mão* - *mãozinha*, *pão* - *pãozinho*).

Em termos morfológicos, -inho é acrescido a bases temáticas (p. ex. *bola* - *bolinha*), enquanto -zinho é acrescido a bases atemáticas (p. ex. *dor* - *dorzinha*), conforme Lee (2013). Bisol (2010) reforça, ainda, que a “variação em nominais temáticos está comprometida com o gênero gramatical” (Bisol, 2010, p. 73). Em palavras terminadas pelas vogais -a- ou -o-, essa marca – seja ela marca de gênero seja vogal temática – acaba por revelar, em boa parte dos casos, o gênero gramatical (p. ex. (a) *bola* - *bolinha* > *bolazinha*, (o) *bolo* - *bolinho* > *bolozinho*). De acordo com a autora (2011, p. 87), “se DIM, ao invés de apagar VT, como o faz comumente em nominais temáticos, a deixar intacta, haverá redundância de informação, o que, em nome da simplicidade, tende a ser evitado”. Isso não acontece, contudo, diante de nomes terminados por -e-, que revelam a relação com o gênero gramatical apenas ao final do avaliativo e, por isso, apresentam mais liberdade para selecionar uma ou outra variante (p. ex. (a) *rede* - *redinha* ~ *redezinha*, (o) *leite* - *leitinho* ~ *leitezinho*). Por fim, os estudos indicam não haver influência da classe gramatical da base, visto que sua aplicação é

extremamente regular e tem se estendido, inclusive, a verbos no gerúndio (p. ex. *correr* - *correndinho*).

Ainda, entre os índices maiores de variação entre -inho e -zinho, Bisol (2010) menciona os casos de palavras proparoxítonas (p. ex. *máquina* - *maquininha* - *maquinazinha*), de paroxítonas terminadas em ditongo oral (p. ex. *história* - *historinha* - *historiazinha*) e de oxítonas terminadas em consoante (p. ex. *colher* - *colherinha* - *colherzinha*). Há, também, variação motivada por princípios fonológicos, como a evitação de segmentos idênticos adjacentes, que opera em casos de bases terminadas em segmentos palatais; assim, esses contextos ora geram formações com -zinho (p. ex. *unha* - *unhazinha*), ora, segundo Alcântara (2013), manifestam a perda da consoante palatal e a manutenção da nasalização da vogal anterior (p. ex. *unha* - *u[ĩ]nha*). A variação de todos esses contextos, de acordo com Freitas e Barbosa (2013), é condicionada, além dos fatores linguísticos, por fatores sociais como sexo e idade. Além disso, as formas variantes podem adquirir especialização de sentidos, como acontece, por exemplo, com *cofre* - *cofrezinho* (cofre pequeno), *cofrinho* (pequeno recipiente de formato variado para guardar moedas).

Ao sul do Brasil – região de fronteira com países de língua espanhola –, o comportamento dos diminutivos parece não ter influência da língua vizinha. Teixeira (2008), em análise de 24 entrevistas das capitais Porto Alegre e Curitiba no banco de dados VARSUL, mostra que, além da esperada predominância de -inho e da obediência às demandas já explicitadas a respeito do sistema do português brasileiro, fatores extralinguísticos, como escolaridade, sexo, faixa etária e localidade, não se mostraram relevantes na escolha de um ou outro sufixo. A autora também não relata ter encontrado casos de afixação por -ito/-cito nos dados analisados.

Semelhantemente, o espanhol também é rico em sufixos avaliativos. Podemos citar -ito (p. ex. *galleta* - *galletita*), -illo (p. ex. *galleta* - *galletilla*), -ico (p. ex. *galleta* - *galletica*) ou -ino (p. ex.

galleta - galletina)⁷, todos com as mesmas propriedades semânticas, além de suas variantes iniciadas por consoante, demandadas pelo sistema linguístico. Segundo Martín Calvo (2019),

vários avaliativos derivados de uma mesma raiz também podem estar em uma relação marcada por intercambiabilidade, já que as características semânticas e as funções pragmáticas de vários sufixos avaliativos podem ser bastante semelhantes. [...] Optar por uma forma ou outra não alterará nenhum aspecto do conteúdo factual da mensagem e terá muito pouco efeito (praticamente nenhum) no nível semântico-pragmático (Martín Calvo, 2019, p. 146, tradução nossa)⁸.

Dessa mesma forma, vemos que o espanhol apresenta mais opções intercambiáveis do que o português; porém, por questão de paralelismo, analisaremos aqui apenas o sufixo -ito e suas demais formas, dada sua grande produtividade na língua espanhola e em variedades de contato linguístico.

De modo geral, assim como apontado por Bisol (2010) para o português, Malkiel (1958 *apud* Zacarias, 2006, p. 79) já afirmava, referindo-se às formas variantes dos diminutivos, que “suas funções principais são evitar hiato, distinguir homônimas, conservar o acento na raiz e eliminar sequências cacofônicas”⁹.

Quanto a aspectos fonológicos, a escolha por -ito ou -cito é determinada pela qualidade do segmento terminal: se a base é finalizada por vogal átona, -ito é preferido (p. ex. *casa - casita, perro*

7 Dados retirados de Martín Calvo (2019, p. 146).

8 “Various EVALs stemming from one root word may also be in a relationship marked by their interchangeability, as the semantic features and pragmatic functions of various AFFe may be rather similar. [...] Opting for one form or another will not alter any aspect of the factual content of the message, and will have very little effect (virtually none) at the semantic-pragmatic level” (Martín Calvo, 2019, p. 146).

9 “Sus funciones principales son evitar el hiato, distinguir homonimias, conservar el acento en la raíz y eliminar secuencias cacofónicas” (Zacarias, 2006, p. 79).

- *perrito*); se a base é finalizada por consoante, há predomínio da variante -cito (p. ex. *león* - *leoncito*, *amor* - *amorcito*; *ciudad* - *ciudadcita*)¹⁰. Harris (1983, p. 93) também mostra o papel do número de sílabas na escolha por -ito ou -(e)cito. Bases dissilábicas, como *madre*, optam pelo sufixo maior, formando *madrecita*; já bases maiores optam pelo sufixo menor, como *comadre* » *comadrita*. Esse padrão chama atenção por divergir de algumas tendências que comentamos para o português brasileiro anteriormente.

Em relação à morfologia, a classificação da vogal átona final é relevante para a distribuição dos diminutivos. De acordo com Harris (1983, p. 93), esse contraste pode ser visto em pares como *corte* » *cortecito* (N) e *cortó* » *cortito* (A). Colina (2003) também defende que motivações morfológicas estejam mais altamente ranqueadas na escolha por um ou outro alternante. A autora defende a classificação do -e- átono final como vogal temática, não epêntese, e, assim, explica que bases dissilábicas terminadas em -e- se comportam diferentemente das em -a- ou -o-, motivando a maior escolha por -cito.

Salvo melhor juízo, enquanto único trabalho que encontramos sobre a distribuição dos diminutivos no espanhol rioplatense – região que compreende a cidade de Rio Branco/Uruguai –, Resnik (2021) foca no contraste entre -ito e as outras formas iniciadas por vogal, explicitadas anteriormente, não focando em aspectos fonológicos ou morfológicos que regem a distribuição das formas variantes.

Análise do diminutivo no português falado no Uruguai

A metodologia compreende a análise de dados de fala coletados no formato de entrevista semiestruturada com quatro informantes oriundas de Poblado Uruguay, pertencente ao município

10 Dados retirados de Zacarias (2006, p. 85-86).

de Rio Branco e ao departamento de Cerro Largo, no Uruguai. O povoado fica localizado na fronteira com o Brasil, a 30 km da cidade de Jaguarão/BR, e possui menos de 100 habitantes (Uruguay, 2023). Todas as informantes residiam em Rio Branco no momento da entrevista, são bilíngues português/espanhol e têm o *brasileiro* como língua materna, tendo aprendido o *uruguayo* na escola. Além disso, trata-se de informantes com pouca escolarização (variando de 1º ano incompleto até o 6º ano) e, em sua maioria, com idades acima dos 60 anos (apenas uma das informantes tem menos de 40 anos). Segundo os relatos coletados durante as entrevistas, os habitantes do Poblado costumavam utilizar o *brasileiro* para comunicação na família e na comunidade.

(1) Entrevistadora: [...] *Na casa de vocês vocês falavam português?*

Entrevistada: *Sim, falamos tudo brasileiro. A mãe [/] pra minha mãe eu dizia «mãe», pro meu pai chamava por o nome.*

[...]

Entrevistadora: *E com os vizinhos lá vocês falavam português também? Ou era só a família de vocês?*

Entrevistada: *Não, tudo, tudo. Quase tudo lá no Poblado falava brasileiro.*

Após o levantamento dos dados sufixados pelos pares -inho/-zinho ou -ito/-cito e a exclusão de nomes próprios (p. ex. *Ratinho*), garantimos também que não haveria formas com significado predominantemente não composicional, sem interpretação do sufixo (p. ex. *salsinha*), e chegamos a um conjunto de 102 dados, os quais foram classificados de acordo com os critérios explicitados a seguir.

(2) Contexto oracional de ocorrência do dado no diminutivo: *nós compramo um casillero de botellinha pequena.*

Classificação:

- i) informante, codificado por iniciais - ex. GB;
- ii) palavra - ex. *botellinha*;¹¹
- iii) avaliativo - ex. *inho*;
- iv) base - ex. *botella*;
- v) língua da base - ex. *espanhol*;
- vi) segmento terminal da base - ex. *a*;
- vii) número de sílabas da base - ex. 3;
- viii) acento da base - ex. *paroxítono*;
- ix) classe morfológica - ex. *substantivo*;
- x) posição sintática - ex. *adjunto adnominal*.

Os resultados gerais apontam para um espelhamento com o PB em relação às ocorrências de diminutivos: há predominância dos sufixos -inho/-zinho (92,2% – 94/102) em comparação ao sufixo -ito (7,8% – 8/102). Curiosamente, nenhuma base demandou a variante -cito.

Analisando separadamente os pares alternantes, a fim de atestar a regularidade dos usos no português falado no Uruguai, vemos que, entre -inho e -zinho, a primeira forma é a mais utilizada, o que corrobora grande parte das pesquisas sobre o português brasileiro.

Entre os 94 dados que utilizam os sufixos do português, 78 (82,9% - 78/94) são formados com -inho. Todas as bases correspondem a palavras temáticas, sendo 40/78 com a VT -a- (p. ex. *pata* - *patinha*), 37/78 com a VT -o- (p. ex. *quarto* - *quartinho*) e apenas 1/78 dado com a VT -e- (p. ex. *quente* - *quentinha*). A análise do número de sílabas revela que grande parte das bases que

11 Optamos por não lematizar os dados e contabilizar cada uma das ocorrências a partir de informações flexionais (gênero, número) isoladas por termos poucos dados para análise.

selecionam -inho são consideradas palavras curtas na língua, tendo entre duas (57,6% - 45/78) ou três (33,3% - 26/78) sílabas; apenas sete dados são polissilábicos (0,9% - 7/78). Quanto à classe, grande parte dos usos de -inho está em substantivos (80,7% - 63/78).

Por outro lado, dos 94 dados com sufixos do português, 16 formam palavras com -zinho. Esses 16 dados são formados a partir de 9 bases oxítonas (56,2% - 9/16), sejam elas terminadas em ditongo nasal (p. ex. *irmãozinho*), em vogal tônica (p. ex. *gurizinho*) ou em consoante (p. ex. *florzinha*). Há também 7 ocorrências de -zinho em palavras paroxítonas (43,8% - 7/16), todas terminadas pela vogal temática -e-, contexto favorecedor da variação entre os casos de palavras temáticas (p. ex. *noitezinha*), dada a não redundância da informação sobre gênero gramatical, conforme sugerido por Bisol (2010, 2011). Por não termos encontrados casos de -cito, pouco podemos afirmar sobre a distribuição fonológicas das variantes do espanhol.

Os 8 dados formados por -ito, que somam aproximadamente 8% da amostra, foram unidos a palavras temáticas terminadas por -a- (p. ex. *sola* - *solita*) e por -o- (p. ex. *todo* - *todito*), em geral dissilábicas.

Em ambas as línguas, em relação à classe gramatical, no geral predominam os substantivos (74,5% - 76/102) e adjetivos (19,6% - 20/102), com alguns casos de quantificadores (3,9% - 4/102) e advérbios (2% - 2/102). Essas ocorrências referem-se às formas do quantificador *todito(a)* e do advérbio *pertinho*. O sufixo avaliativo -ito/-cito ocorre predominantemente com as formas do quantificador *todo(a)* e com os adjetivos *sola* e *chica*; há apenas uma ocorrência com substantivo (*vecina*).

Antes de passar à apresentação dos resultados dos cruzamentos entre base e sufixo, é importante salientar que a identificação da língua das bases se mostrou, por vezes, desafiadora. Enquanto há bases claramente portuguesas ou espanholas, como,

respectivamente, *perto* / *cerca*, outras, como *boca* e *cama*, são ambíguas. Além disso, há os casos de falsos cognatos, como *churrasco* (em português, uma forma de preparar a carne utilizando brasas; em espanhol, um bife), que nem sempre puderam ser desambiguados pelo contexto. Em alguns casos, recorreremos também a diferenças observadas na pronúncia nas duas línguas, como em *cosinhas* (pronunciada [ko.'si.pes], com consoante sibilante surda e sem ditongo), embora nem sempre isso tenha sido possível (como no caso de *cabeça* – [ka.'be.sɐ] ~ *cabeza* [ka.'be.zɐ]). Assim, sempre que não havia elementos fonético-fonológicos e/ou contextuais suficientes, as bases foram classificadas como “ambas” e tratadas separadamente.

Em bases exclusivas do português, foram utilizadas apenas as variantes -inho ou -zinho (p. ex. *cavalo* - *cavalinho*, *irmão* - *irmãozinho*), sem cruzamentos entre as duas línguas (100% - 44/44).

Quadro 3 – Bases do português + -(z)inho e frequências respectivas

arrumadinho (3)	baixinha (1)	bocadinho (1)	bolinhos (1)	bonecrinhas (1)
bonecrinho (1)	bonecrinhos (1)	caladinha (1)	calçadinho (1)	canequinho (1)
cavalinho (1)	cavalinhos (1)	caxinha (1)	caxinhas (1)	churrasquinho (1)
novinha (1)	oinho (1)	ossinho (1)	pecinha (2)	pedacinho (2)
pedrinha (1)	pegadinha (3)	pequenini- nho (1)	pequenini- nhos (1)	pertinho (1)
pertinho (1)	piquininhas (1)	piquinininha (1)	quartinho (2)	quentinha (1)
sabuguinhos (1)	tamanquinha (2)	tampinha (1)	tampinhas (1)	ternerinho (1)
veinho (1)				

Fonte: elaboração própria

Por outro lado, espelhando o sistema gramatical do espanhol, obtivemos 8 ocorrências com o sufixo -ito; 2 delas, contudo, estavam em sequências produzidas por completo em língua espanhola, uma delas em discurso reportado.

(3) a) *Todo así, eh? Cuando era chiquita.*

b) “*Oh vecinita*”, ele diz.

Entre as demais 6 ocorrências, temos apenas flexões dos itens *todo* e *solo*, que podem estar lexicalizados no repertório linguístico dessa comunidade. Corrobora essa hipótese o fato de que a forma *todinho(a)(s)* não ocorre nenhuma vez no *corpus* analisado.

Quadro 4 – Bases do espanhol + -(c)ito e frequências respectivas

chiquita (1)	solita (2)	vecinita (1)
--------------	------------	--------------

Fonte: elaboração própria

Interessantemente, os dados revelam, ainda, que há 12 bases do espanhol com o sufixo diminutivo do português, mas não há nenhuma base do português com sufixo do espanhol. Devido à sua aplicabilidade maior a padrões mais frequentes da língua, como palavras paroxítonas, todas as ocorrências do Quadro 5 referem-se ao uso de -inho:

Quadro 5 - Bases do espanhol + -(z)inho e frequência respectiva

barranquinha (1)	botellinha (1)	chorrinho (1)	cosinhas (1)	cuñinha (2)
frasquinho (2)	pezunhinha (1)	piolinha (1)	cuadrinho (2)	

Fonte: elaboração própria

No contexto de bases potencialmente pertencentes a ambas as línguas (ex. *boca – boquinha*), houve também predominância do sufixo -inho (87,5% – 28/32) em relação a -ito (12,5% – 4/32).

Quadro 6 – Bases ambíguas e frequências respectivas

-(Z)INHO				
boquinha (1)	cabecinha (1)	caminha (3)	camisinha (1)	casinha (1)
casinhas (1)	florzinhas (1)	frasquinho (1)	fresquinha (1)	grandizinha (1)
gurizinho (3)	ladinho (1)	patinha (1)	piquetezinho (1)	poquinha (1)
pouquinho (3)	ropinha (1)	separadinho (1)	tirinha (1)	tortinhas (1)
trapinho (1)	tubinho (1)			
-(C)ITO				
todita (1)		todito (3)		

Fonte: elaboração própria

A observação do comportamento individual de cada informante revela que a mais jovem utilizou apenas os avaliativos do português (100% - 2/2), enquanto as informantes mais velhas utilizaram os avaliativos -ito/-cito pelo menos uma vez (3,8% - 1/26; 16% - 4/25; 6,1% - 3/49) e -inho/-zinho em todas as demais ocorrências. Além disso, as três utilizaram bases do espanhol com os sufixos avaliativos -inho/-zinho. Também ocorre, nos dados da informante mais velha, o uso seja da forma em português, seja da forma em espanhol: *solita* ~ *sozinha*; *chiquita* ~ *piquininhas*.

Tomados em conjunto, os resultados apontam para uma gramática com características predominantemente brasileiras, corroborando estudos anteriores sobre essa variedade. Não só há predominância absoluta dos sufixos avaliativos portugueses -inho/-zinho, como o uso de -ito/-cito, nessa variedade, parece restrito a alguns poucos itens possivelmente lexicalizados, o que é esperado considerando o amplo reconhecimento da influência do espanhol sobre essas variedades no nível lexical. O fato de os sufixos -inho/-zinho serem amplamente aplicados a bases do espanhol (mas não o contrário) reforça essa percepção.

Dada a alta produtividade desses sufixos, realizamos também um levantamento qualitativo do uso dos avaliativos -inho/-zinho e -ito/-cito em algumas fontes disponíveis na literatura sobre o português falado no Uruguai. Para isso, consultamos o *corpus* transcrito e disponibilizado como anexo na tese de doutoramento de Bottaro (2009), que realizou entrevistas com 37 informantes de ambos os sexos, diferentes idades e perfis socioeconômicos, na cidade de Rivera/UY. Além disso, consultamos as transcrições das receitas culinárias compiladas na obra *Na frontera nós fizemo assim* (Behares; Díaz; Holzmann, 2004), que abrangeu 29 informantes de diferentes idades e níveis de escolarização em 9 localidades dos departamentos de Artigas e Rivera, no Uruguai. Dessa, foram desconsideradas as entrevistas concedidas integralmente em espanhol. Ainda que, diferentemente do *corpus* analisado em detalhe neste trabalho, não tenhamos controle sobre algumas variáveis (como, por exemplo, se os informantes têm o português como língua materna), acreditamos que a comparação é válida e pode auxiliar na compreensão dessas variedades.

A consulta aos materiais mencionados resultou num total de 217 ocorrências envolvendo os sufixos avaliativos -inho/-inho e -ito/-cito. Assim como nos dados do *corpus*, as ocorrências de -inho/-zinho são muito mais numerosas: 202 contra 15. Também de forma semelhante aos achados do *corpus*, os avaliativos -ito/-cito ligam-se quase exclusivamente a bases do espanhol; encontramos apenas duas ocorrências com base portuguesa.

Quadro 7 – Ocorrências de -ito/-cito nos materiais consultados

BASES ESPANHOLAS				
cascarita (1)	chiquita (1)	chiquito (1)	cucharita (1)	espesita (1)
livianita (1)	moñita (1)	pironcito (2)	solita (1)	solito (1)
BASE PORTUGUESA				
cuzidito (2)				
BASE AMBÍGUA				
poquito (2)				

Fonte: elaboração própria com base em Bottaro, 2009; Behares, Díaz, Holzmann, 2004.

Do mesmo modo, o emprego dos sufixos avaliativos portugueses com bases espanholas mostrou-se bastante produtivo, abrangendo substantivos, adjetivos, advérbios e, também, participípios.

Quadro 8 - Bases do espanhol + -(z)inho nos materiais consultados

amasadinha (1)	blandinho/a (4)	bollinho (1)	chorizinho (1)	despacinho (2)
dulcezinha (1)	estiradinha (1)	golpeadinho/a (2)	gurisinha (1)	juguinho (1)
livianinha (1)	minudinho (1)	pironzinho (1)	polvoriadinha (1)	pucherinho (1)
cuadrinho (1)	revolcadinha (1)	sancochadinho (1)	tuquinho (3)	

Fonte: elaboração própria com base em Bottaro, 2009; Behares, Díaz, Holzmann, 2004.

Considerações finais

Este trabalho tratou da distribuição dos sufixos avaliativos -inho/-zinho, do português, e -ito/-cito, do espanhol, a partir de dados do português falado no Uruguai como língua materna.

Consideramos cumpridos os objetivos de: i) mapear traços do contato linguístico no uso de avaliativos do português e do espanhol, dado o alto grau de produtividade desses sufixos em ambas as línguas; ii) investigar as propriedades de distribuição dos sufixos -inho/-zinho e -ito/-cito em comparação a pesquisas referentes ao português brasileiro e ao espanhol; iii) avançar na compreensão da natureza do português falado no Uruguai como língua materna.

Como próximos passos da investigação, pretendemos analisar o uso dos sufixos avaliativos -inho/-zinho e -ito/-cito na fala dos brasileiros residentes na fronteira com o Uruguai, a partir do *corpus* do banco de dados COLORES (Contato Linguístico Oral da Região Extremo Sul), atualmente em fase de constituição. O banco tem sua metodologia estabelecida com base nos dados do INE, do IBGE e do SEBRAE-RS para a região, e apresenta estratificação em sexo (2: feminino; masculino), faixa etária (2: 25-39; 40-59; mais de 60 anos) e escolaridade (3: até 4 anos; 5-9; mais de 10 anos), totalizando 9 células com margem de 3 a 5 informantes cada, totalizando um mínimo de 54 e um máximo de 90 participantes. Além disso, busca representar diferentes zonas das cidades na seleção dos participantes, com cada célula social sendo preenchida minimamente por um morador da zona central, um da periferia e um de área rural, quilombola ou residente em Rio Branco e falante de português como língua materna.

Com isso, será possível estabelecer uma comparação com os resultados aqui reportados e, também, investigar de forma mais aprofundada os efeitos do contato linguístico entre português e espanhol na região fronteira de Jaguarão/BR e Rio Branco/UY. Desse modo, um trabalho dessa natureza pode trazer não apenas contribuições empíricas, mas também contribuições teóricas, uma vez que processos morfológicos de formação de palavras, sejam concatenativos, como derivação, composição e avaliação, sejam não concatenativos, como siglagem, truncamento ou cruzamento vocabular, não são amplamente explorados em trabalhos de contato linguístico, que tendem a privilegiar a morfologia

flexional e a interface entre morfologia e sintaxe. Uma comparação entre os resultados desse trabalho – focado em uma variedade de português falado no Uruguai como língua materna – e dados do português brasileiro falado na região de fronteira com o Uruguai pode ajudar a elucidar a natureza do português falado no Uruguai, conforme discutimos na introdução deste trabalho.

Evaluative morphology in Portuguese in Uruguay

ABSTRACT: This paper addresses the distribution of the evaluative suffixes -inho/-zinho from Portuguese and -ito/-cito from Spanish, on data from Portuguese spoken in Uruguay, a variety whose grammar presents Brazilian characteristics (Carvalho, 2003; Simioni, 2021) and its own characteristics (Carvalho; Bessett, 2015; Gasque; Chaves; Simioni, 2018), in addition to a strong influence from Spanish, especially at the lexical level. Given the high productivity and regular distribution of these suffixes, we intend to map traces of linguistic contact and investigate their distributional properties in the Portuguese spoken in Uruguay. The methodology comprises the analysis of speech data collected through semi-structured interviews with four informants from Poblado Uruguay - Rio Branco/Uruguay. The 102 instances with the pairs -inho/-zinho or -ito/-cito were classified according to structural aspects, as well as the base language. The results point to a greater alignment with Portuguese: there is a predominance of the suffixes -inho/-zinho (92.2% – 94/102) compared to the suffix -ito (7.8% – 8/102). In the context of roots belonging to both languages (e.g., boca - boquinha), there was also a predominance of the suffix -inho (87.5% – 28/32) over -ito (12.5% – 4/32). The data also reveal that there are 12 Spanish roots with a Portuguese diminutive suffix (e.g., botellinha), but there are no Portuguese roots with a Spanish suffix. For comparison purposes, these evaluatives were also observed in other available data sources on the variety. The results corroborate previous work that points to the presence of a Brazilian grammar.

KEYWORDS: evaluative morphology; Portuguese spoken in Uruguay; language contact.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. Derivações em -inho e o caso da soante palatal /ɲ/. *Revista Diadorim*. Número especial, 2013.

ALMEIDA, Anna Carolina de Oliveira. *Diminutivos no português brasileiro: alternância condicionada por fatores morfofonológicos e prosódicos*. 2023. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. *A relação entre gênero e morfologia avaliativa nos nominais do português brasileiro: uma abordagem sintática da formação de palavras*. 2015. 247 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-11092015-161137/publico/2015_PaulaRobertaGabbaiArmelin_VCorr.pdf. Acesso em: 08 fev. 2026.

BACHRACH, Asaf; WAGNER, Michael. Syntactically Driven Cyclicity vs. Output-Output

Correspondence: The Case of Adjunction in Diminutive Morphology. In: U. Penn Working

Papers in Linguistics, [S. l.], v. 10.1, 2007.

BEHARES, Luis Ernesto. Português del Uruguay y educación fronteriza. In: BROVETTO, Claudia; GEYMONAT, Javier; BRIAN, Nicolás. (org.) *Portugués del Uruguay y educación bilingüe*. Montevideo: Anep, 2007. p. 99-171.

BEHARES, Luis Ernesto; DÍAZ, Carlos Ernesto; HOLZMANN, Gerardo. *Na fronteira nós fizemo assim: Língua y Cocina en el Uruguay fronterizo*. Montevideo: Librería de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2004.

BISOL, Leda. O diminutivo e suas demandas. *Revista Delta*, v. 26 n. 1, p. 59-85, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/19967/14863>. Acesso em: 03 fev. 2026.

BISOL, Leda. O diminutivo e suas demandas, uma versão revisada. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, edição especial n. 5, p. 80-98, 2011. Disponível em: <https://www.revel.inf>

br/files/artigos/revel_esp_5_o_diminutivo_e_suas_demandas.pdf. Acesso em: 03 fev. 2026.

BOTTARO, Silvia Ethel Gutiérrez. *O sujeito pronominal no português uruguaio da região fronteira Brasil-Uruguai*. 2009. 217 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Línguas Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-01092010-143318/pt-br.php>. Acesso em: 09 fev. 2026.

BOTTARO, Silvia Ethel Gutiérrez. Actitudes lingüísticas en el portugués uruguayo: marcas de una identidad. *Revista SURES*, n. 10, p. 107-20, ago. 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/729/718>. Acesso em: 09 fev. 2026.

CARVALHO, Ana Maria. Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, v. 1, n. 1, p. 125-49, 2003.

CARVALHO, Ana Maria; BESSETT, Ryan. Subject pronoun expression in Spanish in contact with Portuguese. In: CARVALHO, Ana Maria; OROZCO, Rafael; SHIN, Naomi Lapidus. (org.). *Subject pronoun expression in Spanish: A cross-dialectal perspective*. Washington, D. C.: Georgetown University Press, 2015. p. 143-66.

COLINA, Sonia. Diminutives in Spanish: a morpho-phonological account. *Southwest Journal of Linguistics*, v. 22, n. 2, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de

Janeiro: Nova Fronteira. 2010.

ELIZAINCÍN, Adolfo. *Algunas precisiones sobre los dialectos portugueses en el Uruguay*. Montevideo: UdelAR, 1979.

ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luís Ernesto; BARRIOS, Graciela. *Nós falemo brasileiro: Dialectos Portugueses en Uruguay*. Montevideo: Amesur, 1987.

FREITAS, Myrian Azevedo de; BARBOSA, Maria Fernanda. A alternância do diminutivo -inho/-zinho no português brasileiro: um enfoque variacionista. *Revista Alfa*, São Paulo, vol. 57, n. 2, p. 577-605, 2013.

GASQUE, Karoline; CHAVES, Lurian; SIMIONI, Leonor. Sujeitos nulos no português de Poblado Uruguay. *PAPIA*, v. 28, n. 1, p. 7-24, 2018.

GAU DE MELLO, Alejandro; CUSTODIO, Carla. Preconcepto y Estigma Lingüístico: El Portuñol como Espacio para la Discusión. *Lenguas en contexto*, Puebla, n. 7, p. 45-52, 2016. Disponível em: <https://www.facultaddelenguas.com/lencontexto/revista7>. Acesso em: 09 fev. 2026.

GRANDI, Nicola. Renewal and Innovation in the Emergence of Indo-European Evaluative Morphology. *Lexis*, v. 6, p. 6-25, 2011.

HARRIS, James. *Syllable structure and stress in Spanish: a nonlinear analysis*. Cambridge: MIT, 1983.

KÖRTVÉLYESSY, Lívia. *Evaluative Morphology and Language Universals*. In: GRANDI, Nicola; KÖRTVÉLYESSY, Lívia. *Edinburgh Handbook of Evaluative Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015. p. 61-73.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, p. 97-195, 1968.

LEE, Seung-Hwa. Morfologia e fonologia lexical do Português do Brasil. 1995. 191 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

LEE, Seung-Hwa. Interface fonologia-morfologia: diminutivos no PB. *Diadorim*, n. especial, p. 113-125, 2013. Disponível em: <https://revistas.uff.br/index.php/diadorim/article/view/4009>. Acesso em: 09 fev. 2026.

MADEIRA, Marilza. “Eu te vou dizê” como é a colocação dos clíticos no português uruguaio. 2018. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e suas respectivas Literaturas) – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/items/e15fe594-2770-4b79-a13c-4af7db160629>. Acesso em: 09 fev. 2026.

MARTÍN CALVO, Rafael. Evaluative Morphology: Conditions and Properties of Evaluative Forms Obtained by Affixation. In: DREI-JERS, Guntars; DUBOVA, Agnese; VECKRĀCIS, Jānis. *Bridging Languages and Cultures*. Linguistics, Translation Studies and Intercultural Communication. Berlin: Frank & Timme, 2019. p. 133-151.

MAZZAFERRO, Gabriela Tornquist, SIMIONI, Leonor; ULRICH, Camila Witt. O português fronteiriço de Jaguarão/BR e Rio Branco/UY: mapeamento de estudos linguísticos descritivos. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 25 n. 2, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/100456>. Acesso em: 09 de fev. de 2026.

MENUZZI, Sérgio. *On the Prosody of the Diminutive Alternation -inho/-zinho in Brazilian Portuguese*. Manuscript. HIL/Leiden University, 1993.

MORENO, Cláudio. *Os Diminutivos em -inho e -zinho e a Delimitação do Vocabulo Nominal no Português*. 1977. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.

MUNIZ, Samantha Cuello. “Nas casa sempre em brasileiro”: o preenchimento de sujeitos e objetos no PU de Poblado Uruguay. 2017. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e suas respectivas Literaturas) – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/items/62cc5ac4-37bc-4553-bcf-4-c1191e8faded>. Acesso em: 09 fev. 2026.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). Libro de estilo de la lengua española [en línea]. Disponível em: <https://www.rae.es/libro-estilo-lengua-espanola/diminutivos>. Acesso em: 30 nov. 2025.

RESNIK, Gabriela. Los diminutivos lexicalizados en el español rioplatense. In: PERASSI, Maria Laura; TAPIE KWIECIEN, Martín (ed.) *Palabras como puentes: estudios lexicológicos, lexicográficos, y terminológicos desde el cono sur*, 2021. p. 231-251.

RIO-TORTO, Graça. *Formação de palavras em português: aspectos da construção de avaliativos*. 1993. 977 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1993.

RONA, José Pedro. El dialecto “fronterizo” del norte del Uruguay. Montevideo: Adolfo Linardi, 1965.

SANTOS, Agenor Gonzaga dos; COELHO, Sueli Maria. Uma reflexão acerca do emprego do sufixo diminutivo no português do Brasil. *Revista Alpha*, Pato de Minas, v. 9, n. 9, p. 149-157, 2008. Disponível em: https://www.letras.ufmg.br/labval/pdf/reflexao_acerca_do_sufixo.pdf. Acesso em: 06 fev. 2026.

SCALISE, Sergio. *Generative Morphology*. Dordrecht: Foris, 1984.

SIMIONI, Leonor. A realização de sujeitos e objetos pronominais no português uruguaio. *Fórum linguístico*, v. 16, n. 1, p. 3601-3611, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n1p3601>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SIMIONI, Leonor. Sujeitos pronominais no português uruguaio e no português brasileiro: sincronia e diacronia. In: BÉRTOLA, Cecília; OGGIANI, Carolina; POLAKOF, Ana Clara (org.). *Estudios de lengua y gramática*. Montevideo: Universidad de la República, 2021. p. 119-29.

SIMIONI, Taíse; SCHWINDT, Luiz Carlos. O sufixo -inhv/-zinhv e as palavras paroxítonas terminadas em vogal em português brasileiro. *Estudos linguísticos e literários*, n. 61, p. 70-84, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/262518/001170718.pdf?sequence=1>. Acesso em: 08 de fev. 2026.

SOUZA, Érika da Silva. *A variação entre os sufixos avaliativos -inh-/-zinh- em paroxítonas temáticas*. 2025. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa) – Fundação Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2025. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/items/a71085cd-c069-474c-ab2e-f3eba8dc9354>. Acesso em: 09 fev. 2026.

TEIXEIRA, Taíze Winkelmann. *A forma e o uso dos sufixos -inho e -zinho em variedades do português do sul do Brasil*. 2008. 95 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

URUGUAY. INE. Censo de población, hogares y viviendas. 2023.

VILLALVA, Alina. *Estruturas Morfológicas: Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa, 1994. 399f.

VILLALVA, Alina. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: FCT e FCG, 2000.

VILLALVA, Alina. *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2008. 219 f.

ZACARÍAS, Ramon. Formación de diminutivos com el sufijo /-it-/: una propuesta desde la Morfología Natural. *Anuario de Letras*, vol. 44, p. 77-103, 2006. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2904275>. Acesso em: 08 de fev. De 2026.